

# Paul Valéry – Poesia

Tomada pelas surpresas,  
Uma boca que bebia  
Se separa de suas penas  
No seio da Poesia:

– Ó minha mãe Inteligência,  
De onde vinha o doce leite,  
Qual é dessa negligência  
Que deixa secar seu leite!

Teu peito mal me continha,  
Premido em branca união,  
Me embalava a onda marinha  
De teu lauto coração;

Apenas, em teu céu turvo,  
Abatido em tua beleza,  
Sentia, sombra que sorvo,  
Me invadir uma clareza!

Deus perdido em seu intento,  
E em seu deliciar-se,  
Dócil ao conhecimento  
Do supremo apaziguar-se.

Eu tocava a noite pura,  
Não sabia mais morrer,  
Pois um rio sem ruptura  
Parecia percorrer-me...

Diz, por que crença vazia,  
Por que sombra ressentida,  
A veia que maravilha  
Nos meus lábios foi rompida?

Ó rigor, ó signo insigne

Que à minha alma não apraz!  
O silêncio, voo de cisne,  
Entre nós não reina mais!

Dos meus tesouros me veda  
A tua pálpebra eterna  
E a carne que se fez pedra  
Sob o meu corpo foi terna!

Por quais injustos atalhos  
Dos céus vens e me desmamas?  
O que serás sem meus lábios?  
O que serei se não me amas?

Mas, suspendida, a Fonte  
Sem dureza retrucou:  
– Me mordeste assim tão forte  
Que meu coração parou!

**Paul Valéry, Feitiços [Charmes]**